

## A VIGÊNCIA DO IMPERIALISMO NA GLOBALIZAÇÃO

CARLOS CESAR ALMENDRA<sup>1</sup>

Entre janeiro e junho de 1916, Lênin escreveu uma de suas obras mais influentes: *Imperialismo: Fase Superior do Capitalismo* na qual expôs cinco características fundamentais para definir o imperialismo. Tais características foram emblemáticas para as análises conjunturais dos diversos movimentos da esquerda brasileira e mundial no que se referia à explicação da realidade durante o século XX.

Logo após a queda do Leste Europeu, no início da década de 90, o anticomunismo proliferou-se – sobretudo no meio universitário – e o ideário do imperialismo foi sendo substituído pela linguagem da nova ordem mundial, ou seja, a globalização. Falar em imperialismo nos circuitos acadêmicos era *démodé*, sinônimo de linguagem de “dinossauro”, adjetivo por sinal muito utilizado pelos antimarxistas.

A questão que nos remete a refletir é a seguinte: será que o imperialismo tinha, de fato, acabado juntamente com a queda do Leste Europeu? Antes mesmo de analisar, *pari passu*, se as cinco características tinham se esgotado, na incontida e cega exaltação da globalização e do mercado, ignorava-se o imperialismo, como se fosse coisa do passado. Não se questionava se a globalização seria uma autodenominação fetichizada do capital

---

<sup>1</sup> Professor de Sociologia e História Econômica no Centro Universitário Fundação Santo André (CUFSA) e Mestre pelo Programa de Integração da América Latina (PROLAM/USP).

que, portanto, obstruía a compreensão do mundo. Nada melhor do que retomar as características apontadas por Lênin e mostrar a contraproducência dos antimarxistas de plantão.

**1) concentração da produção e do capital atingindo um grau de desenvolvimento tão elevado que origina os monopólios cujo papel é decisivo na vida econômica**

Nesta primeira característica, Lênin apontava que os monopólios nasciam da própria concorrência e consistiam num dos fenômenos mais importantes da economia do capitalismo moderno. Sem embargo, estes monopólios existem até hoje e travam entre si duelos titânicos. Temos hoje cinco setores cruciais monopolizados, quer na produção, quer na especulação e que são o sustentáculo do capital e conseqüentemente, do capitalismo vigente: a) Monopólio da tecnologia; b) Monopólio do acesso aos recursos naturais do planeta; c) Monopólio dos meios de comunicação; d) Controle do mercado financeiro mundial; e) Monopólio das armas de destruição em massa<sup>1</sup>. Se os monopólios se cristalizaram no início do século XX, no início do século XXI eles são maiores e mais poderosos e a luta contra a perspectiva do capital requer necessariamente o controle social dos três primeiros e a eliminação dos dois últimos.

**2) fusão do capital bancário e do capital industrial e criação, com base nesse “capital financeiro”, de uma oligarquia financeira**

Se a produção é o *locus* da criação da riqueza material, é na esfera financeira que se comanda, cada vez mais, a repartição e a destinação social desta riqueza. Assim, verifica-se esta mudança:

“Um dos fenômenos mais marcantes dos últimos 15 anos tem sido a dinâmica específica da esfera financeira e seu crescimento do investimento, ou do PIB (inclusive nos países da OCDE), ou do comércio exterior. Essa ‘dinâmica’ específica das finanças alimenta-se de dois tipos diferentes de mecanismos. Os primeiros referem-se à ‘inflação do valor dos ativos’, ou seja, à formação de ‘capital fic-

---

<sup>1</sup> Samir Amin, “The Future of Global Polarization”. In: *Social Justice*. New York, Primavera-Verão, vol. 23, nos 1-2, 1996, p.7-8.

tício'. Os outros baseiam-se em transferências efetivas de riqueza para a esfera financeira, sendo o mecanismo mais importante o serviço da dívida pública e as políticas monetárias associadas a este. Trata-se de 20% do orçamento dos principais países e de vários pontos dos seus PIBs, que são transferidos anualmente para a esfera financeira. Parte disso assume então a forma de rendimentos financeiros, dos quais vivem camadas sociais rentistas.”<sup>2</sup>

Segundo os cálculos de 1994 do BIS<sup>3</sup>, US\$ 13 trilhões giram pelo mundo em velocidade jamais vista, ao comando de teclas de computador acionados por operadores interconectados *on-line*, 24 horas por dia, nas bolsas espalhadas pelo mundo. Num segundo este “capital errante” pode estar em Hong Kong, no outro aterrissa em Chicago, no seguinte, pode ter tomado o rumo de Milão, Bangcoc, São Paulo ou ter voltado para Hong Kong. O megainvestidor George Soros ganhou US\$ 1 bilhão em 1992, apostando contra a libra esterlina. Conseqüências: a libra teve de ser desvalorizada e retirada do mecanismo de flutuação criado no mercado europeu. Sobre a força do capital financeiro, observa-se que:

“Em 1971, o volume de empréstimos internacionais de médio e longo prazo feitos pelo capital privado foi de 10 bilhões de dólares. Em 1995, ele chegou a 1,3 trilhão. Cresceu 130 vezes em apenas duas décadas e meia. Esse dinheiro pode pertencer a um pequeno poupador japonês ou a um superinvestidor como o Húngaro George Soros – e está financiando coisas tão diversas quanto uma fábrica no Ceará ou o déficit público nos Estados Unidos. Além desse dinheiro de médio e longo prazo, há outro, o dinheiro volátil, que gira pelos vários mercados financeiros, como o das bolsas de valores, do câmbio ou dos juros. Esse dinheiro rápido sustenta transações diárias entre 2 e 3 trilhões de dólares.”<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> François Chesnais, *A Mundialização do Capital*. São Paulo, Xamã, 1996, p.15.

<sup>3</sup> Bank for International Settlements – Banco para Pagamentos Internacionais.

<sup>4</sup> “A roda global”. In: *Veja*, 03/04/96.

### **3) diferentemente de exportação de mercadorias, a exportação de capitais assume uma importância muito particular**

A exportação de capital não suprimiu a exportação de mercadorias, mas mudou a configuração da produção. A partir do momento que as filiais das grandes corporações se espalharam pelo mundo, o processo produtivo fragmentou-se de tal modo que a mercadoria não tem carteira de identidade, não tem pátria. Descobrir sua procedência tornou-se tarefa quase impossível.

O Ford é um carro de qual nacionalidade? Depende. A Ford americana é dona de 25% da Mazda japonesa, numa operação em que fabricam carros pequenos. Juntas, são sócias da coreana Kia Motors. A Kia vende peças para a Ford/Mazda e a Yamaha japonesa vende os motores. Todavia, o que aparece no final é um carro Ford. A Fiat lançou o Palio simultaneamente no Brasil, Argentina, Colômbia, Venezuela, Índia, Marrocos, Equador, Egito, Argélia e Vietnã.

As redes de pesquisa entre as multinacionais são tão complexas que é difícil dizer quem está projetando o quê. A IBM tem laboratórios na Suíça e no Japão. A Hewlett-Packard emprega cientistas na Austrália, Alemanha e Cingapura. Na Compaq componentes são fabricados na China, Taiwan, Cingapura, Coreia, Japão e Vietnã. Equipamentos de precisão para prática do hóquei no gelo são desenhados na Suécia, financiados pelo Canadá, montados na Dinamarca e vendidos na Europa. O material utilizado é uma liga metálica cuja estrutura molecular foi desenvolvida e patenteada nos EUA, sendo produzida no Japão. Essa trança tecnológica acabou por confundir até o Pentágono que em 1990 declarou não saber em que países são projetados e construídos uma grande parte dos componentes das armas nucleares (nos EUA a produção bélica é privada).

### **4) formação de uniões internacionais monopolistas de capitalistas que partilham o mundo entre si**

Considerando-se as dez maiores corporações mundiais em 1996 – Mitsubishi, Mutsui, Itochu, Sumimoto, General Motors, Marubeni, Ford, Exxon, Nissho e Shell –, seu faturamento conjunto correspondeu a US\$ 1,4 trilhão. Isto equivalia ao PIB conjunto de Brasil, México, Argentina, Chile,

Venezuela, Colômbia, Peru e Uruguai. Metade dos prédios, máquinas e laboratórios desses grupos e mais da metade de seus funcionários estão em unidades fora do país de origem e 61% do seu faturamento era obtido em operações fora do país de origem.

Se o faturamento se expandir para as cem maiores corporações, verificava-se que um terço do comércio internacional (US\$ 1 trilhão em 1990) se referia à trocas entre unidades das multinacionais. Elas empregavam em 1990, 20% da força-de-trabalho do setor secundário e terciário nos países periféricos e 40% dos países centrais.

##### **5) termo da partilha territorial do globo entre as maiores potências capitalistas**

Durante a II Internacional, Lênin, Trotsky, Hilferding, Bukhárin e Rosa Luxemburgo concordavam num ponto fundamental: na unidade da economia mundial no sentido de uma integração cada vez mais estreita de todas as partes, moldado pelo capital e dominado pelos países capitalistas centrais. Depois das duas guerras mundiais e da guerra fria, o planeta tem sua dinâmica geopolítica e geoeconômica regido sob a égide do G-7<sup>5</sup>. Este domínio, é um *imperialismo de cartão de crédito*,<sup>6</sup> no qual existe uma cumplicidade entre os países capitalistas centrais para a administração e manutenção da *ordem econômica*, haja vista sua crise estrutural. A cumplicidade é necessária para que diante da crise e colapso econômico de um determinado país, os demais socorram-no, fazendo com que o colapso não se transforme em bola de neve, afetando toda a economia mundial. Como exemplo temos a queda da bolsa de valores de 1987, muito superior à de 1929, mas que não provocou um *crack* na economia mundial, bem como a crise mexicana de 1995 que, sob a coordenação dos EUA via FMI e Banco Mundial, que socorreram rapidamente com empréstimos de US\$ 50 bilhões para evitar um “efeito cascata”, alastrando esta crise para outros países. Este mesmo tipo de socorro foi dado em 1997 na crise dos Tigres Asiáticos.

<sup>5</sup> Em 1997 transformou-se em G-8, quando a Rússia foi incorporada por ser uma potência nuclear em troca da maior expansão da OTAN.

<sup>6</sup> István Mészáros, *Beyond Capital*. Londres: Merlin, 1995, p. 956.

Hoje, a globalização apresenta-se como um mundo rebrilhante, ple-tora luminosa de mercadorias em todos os cantos do mundo, cujo universo alcançou a cintilação perene das estrelas. Isto porque, sob o ponto de vista de seus defensores mais vorazes, foi exorcizado o espectro comunista que bloqueava a expansão capitalista e impedia a plena consolidação do merca-do. Estes mesmos defensores apresentavam o processo de globalização co-mo algo irreversível e que deveria ser acompanhada por todos os países do mundo. Os apologetas elevavam a globalização à dimensão de Olimpo, ten-do o mercado como seu deus dos deuses: Zeus. Desprezava-se o imperialis-mo, como se jamais tivesse existido. Lênin, ao evidenciar as cinco caracte-rísticas, não estava tratando-as como modelos, tipos ideais, dogmas, para-digmas ou regras monolíticas mas, como *categorias ontológicas*. Não obs-tante, quando apontava cada característica do imperialismo, não estava in-ventando uma nova fórmula, ou criando um novo método. Estava fazendo uma abstração razoável, que é uma conceituação básica, que nos permite dar nome às coisas, pautado na própria realidade, tirando a mudez do empírico e através do sujeito cognoscente (ser social), entender a especificidade do ob-jeto; neste caso, no que consistia o imperialismo. Estas características não se esvaeceram, pelo contrário, continuam presentes no tempo e no espaço e suas modificações se expressam na radicalização e aprofundamento de cada uma delas. Portanto, àquilo que os guardiões do capital designavam a partir da década de 90 como globalização continuava sendo o próprio imperialis-mo, e hoje por mais que os antimarxistas neguem ou ignorem, nada mais notório do que a realidade social para a constatação da vigência do imperia-lismo, mesmo porque os monopólios são maiores e mais poderosos, mais concentrados e centralizados; o capital financeiro é muito maior do que o capital produtivo; a migração do capital é mais intensa e com maior mobili-dade; as fusões e aquisições das grandes corporações continuam e as gran-des potências massacram ainda mais os países subsumidos. Isto quer dizer que, a luta daqueles que defendem a perspectiva do trabalho continua sendo, a luta contra o imperialismo.